

DANIEL BEER

A casa dos mortos

O exílio na Sibéria sob os Románov

Tradução

Donaldson M. Garschagen e

Renata Guerra



Copyright © 2016 by Daniel Beer
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Titulo original

The House of the Dead: Siberian Exile Under the Tsars

Capa

André Kavakama

Foto de capa

Grupo de russos condenados a trabalho forçado, Sibéria, c. 1885. Granger / Bridgeman Images / Fotoarena

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Angela das Neves

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beer, Daniel

A casa dos mortos : O exílio na Sibéria sob os Románov / Daniel Beer ; tradução Donaldson M. Garschagen e Renata Guerra. — 1^a ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Titulo original : The House of Dead : Siberian Exile Under the
Tsars.

ISBN 978-85-359-3049-8

1. Colônias penais – Rússia (Federação) – Sibéria – História 2.
Exílio – Rússia – História 3. Exílio – Rússia (Federação) – Sibéria
– História 4. Prisioneiros políticos – Rússia (Federação) – Sibéria
– História 5. Revolucionários – Rússia (Federação) – Sibéria –
História 6. Rússia – Condições sociais – 1801-1917 7. Sibéria
(Rússia) – História do Século 19 8. Sibéria (Rússia) – História –
Século 20 1. Título.

17-11190

CDD-957

Índice para catálogo sistemático:

1. Sibéria : Rússia : História 957

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Gusztáv

Sumário

<i>Lista de ilustrações</i>	9
<i>Lista de mapas</i>	13
<i>Nota do autor</i>	21
Prólogo: O sino de Uglitch	25
1. Origens do exílio	33
2. O posto de fronteira	52
3. Espadas partidas	75
4. As minas de Nertchinsk	103
5. A república dezembrista	124
6. Os <i>sybiracy</i>	154
7. A fortaleza penal	180
8. “Em nome da liberdade!”	209
9. O exército do general Cuco	235
10. A ilha Sacalina	259
11. O lát ego	287
12. “Ai dos vencidos!”	310
13. O continente encolhe	342
14. O crisol	366

Epílogo: Sibéria Vermelha	396
<i>Lista de abreviaturas</i>	400
<i>Notas</i>	403
<i>Agradecimentos</i>	453
<i>Fontes</i>	455
<i>Índice remissivo</i>	457

Nota do autor

Sempre que possível, os nomes não russos (em geral poloneses) foram restabelecidos em sua forma latinizada original. Como nem sempre foi possível inferir nomes originais de fontes em línguas não russas, esses nomes às vezes aparecem na forma russificada. Peço desculpas por qualquer erro nesse processo.

De modo que permita aos leitores consultar as fontes originais, o livro cita sempre que possível traduções encontradas com facilidade dos principais textos em russo. Todas as demais traduções do russo são do autor. Todos os pesos e medidas foram convertidos do sistema imperial russo para o sistema métrico, tanto nas fontes originais russas quanto nas traduções para o inglês citadas. As modificações feitas em traduções para o inglês foram indicadas. De 1700 a fevereiro de 1918, a Rússia empregou o calendário juliano, que tem um atraso entre onze e treze dias em relação ao calendário gregoriano. As datas são dadas de acordo com o calendário juliano.

A ADMINISTRAÇÃO DA SIBÉRIA

Entre 1803 e 1822, toda a Sibéria esteve sob a autoridade de um único governador-geral com base em Irkutsk. Em 1822, a Sibéria foi dividida em dois terri-

tórios administrativos principais: o governo-geral da Sibéria Ocidental, sediado em Omsk, e o governo-geral da Sibéria Oriental, sediado em Irkutsk. Cada um desses governos-gerais era encabeçado por um governador-geral, que se reportava a São Petersburgo e supervisionava as administrações provinciais. O governo-geral da Sibéria Ocidental compreendia as províncias de Tobolsk, Tomsk e Omsk (esta última foi mais tarde dissolvida, sendo parte dela anexada à província de Tobolsk e parte subdividida para formar duas novas províncias, a de Semipalatinsk e a de Akmolinsk); o governo-geral da Sibéria Oriental compreendia as províncias de Irkutsk, Ienissei, Iakutsk e Transbaikal. Cada província (*guberniia* ou *oblast*) tinha uma capital administrativa e era integrada por certo número de distritos (*uezd*), e cada distrito compreendia certo número de cantões (*volost*). Algumas regiões (*okrug*), como a Região Mineradora de Nertchinsk, ficavam de fora dessa hierarquia, sendo governadas por uma autoridade que respondia direto ao tsar. Em 1882, o governo-geral da Sibéria Ocidental foi abolido, as províncias de Tomsk e Tobolsk foram postas sob controle central direto e as de Semipalatinsk e Akmolinsk passaram a constituir o novo governo-geral de Steppe. O governo-geral da Sibéria Oriental foi mais tarde subdividido em dois novos governos-gerais: Priamursk, em 1884, e Irkutsk, em 1887. Priamursk administrava as províncias do Transbaikal e Primorsk, o rio Amur e a ilha Sacalina; Irkutsk administrava as províncias de Ienissei, Irkutsk e Iakutsk. Exceto por pequenas mudanças posteriores, essas unidades administrativas foram mantidas até 1917.

Havia aqui um mundo próprio, diferente de qualquer outro. Havia leis próprias, maneiras de vestir, modos e hábitos próprios; uma casa para mortos-vivos; uma vida diferente de qualquer outra, com pessoas diferentes de quaisquer outras. É este canto tão distinto da vida que me proponho descrever.

Fiódor Dostoiévski, *Recordações da casa dos mortos* (1862)¹

Prólogo: O sino de Uglitch

Em 1891, um grupo de mercadores russos foi autorizado pelo tsar Alexandre III a transportar um sino de cobre de trezentos quilos da cidade siberiana de Tobolsk até a sua cidade natal, Uglitch, 2200 quilômetros a oeste de Tobolsk. O sino viajou rio acima pelo Volga no fim da primavera de 1892 e chegou, num barco a vapor, a um molhe erigido diante da catedral de Uglitch. Exatos três séculos depois de ter sido exilado para a Sibéria, foi solenemente recebido em sua volta para casa.¹

O destino do sino tinha sido selado na primavera de 1591, quando o filho e herdeiro de Ivan, o Terrível, o tsarevitch Dmitri, de nove anos, foi encontrado em Uglitch com o pescoço cortado. A mãe de Dmitri e sua família acreditaram que o tsarevitch tinha sido assassinado por ordem de um potencial rival ao trono, o regente Boris Godunov. Tocaram o sino de Uglitch para convocar uma rebelião. Os habitantes da cidade, reunidos numa multidão em tumulto, mataram os dois supostos assassinos e um funcionário de Moscou. O distúrbio despertou a ira do Kremlin. Godunov enviou tropas a Uglitch para reprimir a rebelião, e na primavera seguinte distribuiu justiça. Mandou executar cerca de duzentos habitantes de Uglitch e prender outros tantos; umas cem pessoas foram açoitadas e tiveram as narinas rasgadas; os mais eloquentes perderam também a língua. Lanhados e mutilados, os rebeldes foram banidos para a Sibéria.

Além do castigo que infligiu aos rebeldes, Godunov puniu o símbolo de sua unidade política. Fez descer o sino, preso a doze cabos, libertou-o de sua “língua” e exilou-o na Sibéria. Os moradores de Uglitch foram obrigados a arrastar o rebelde de artefato através dos Urais para, por fim, deixá-lo a descansar em Tobolsk, onde o governador militar da cidade registrou o caso como “o do primeiro exilado inanimado”. Silenciado e banido, o sino tornou-se testemunho do poder dos governantes russos, tanto para conduzir seus súditos turbulentos para além dos Urais quanto para emudecê-los.²

Contudo, nos séculos seguintes, ele se tornou também um ponto de convergência para opositores da autocracia que viam a punição dos moradores de Uglitch por Godunov como o ato cruel de um usurpador. Em 1862, um nobre exilado em Tobolsk, Ippolit Zavalichin, viu no sino de Uglitch “um acusador subjugado que carrega o eloquente testemunho [...] do castigo de toda uma cidade inocente!”.³ Em meados do século XIX, portanto, ele tinha chegado a simbolizar não apenas a autoridade suprema do soberano, mas também o poder vingativo daqueles em quem se apoiava.

Tobolsk desempenhou um papel central no desenvolvimento do exílio siberiano nos séculos que se seguiram ao banimento do sino de Uglitch. Esse legado ainda é visível hoje em dia, na mistura de casas de madeira deterioradas e edifícios neoclássicos que constituem a cidade velha. A praça central de Tobolsk fica no topo de um planalto que se eleva cinquenta metros acima das águas barrentas do grande rio Irtich e da cidade baixa, que se estende para o sul. Dela se avistam, à distância, as áreas rurais circundantes e as barcaças abrindo caminho com lentidão contra a corrente. Dois grandes edifícios ladeiam a praça. Um deles é o kremlin de pedra, um complexo fortificado que projetava o poder e o esplendor do Estado imperial. Suas pesadas paredes brancas, acima das quais pairam as cúpulas em azul e dourado da catedral de Santa Sofia, foram erguidas por exilados: soldados suecos capturados em 1709 por Pedro, o Grande, numa das decisivas batalhas da Grande Guerra do Norte (1700-21). O segundo edifício, cuja imponente fachada neoclássica ocupa todo o comprimento do lado ocidental da praça, é a Prisão Central de Trabalho Penal de Tobolsk. Construída no começo da década de 1850, a prisão, a segunda desse tipo na cidade, veio preencher a necessidade de maior capacidade, não atendida pela cadeia anterior, que caía aos pedaços. Caravanas formadas por centenas de exilados chegavam marchando pela cidade, cruzavam a praça e passavam por seus portões, para serem mantidas ali enquanto

o Departamento de Exílio de Tobolsk, centro administrativo de todo o sistema de degrado, determinava seu destino final. Distribuídos em novas caravanas, os exilados eram mandados então para as estradas e cursos d’água da Sibéria, a caminho de vilarejos remotos e de assentamentos penais. Tobolsk era o portão de entrada de uma prisão continental.⁴

O sistema de exílio desempenhou papel fundamental na colonização da Sibéria. As cidades cresciam em torno das fortalezas e colônias penais, para abrigar seus funcionários e militares. Foram raras as aldeias siberianas deixadas intactas pelos exilados, que colonizaram em caráter oficial cada distrito de cada província siberiana ou, extraoficialmente, perambulavam entre elas na condição de trabalhadores itinerantes, ladrões e pedintes. As estradas da Sibéria eram pontuadas de estações de parada acanhadas e de cor terrosa, onde as caravanas de deportados em marcha pernoitavam em sua longa e extenuante viagem. As prisões de encaminhamento, cadeias das cidades, minas, empreendimentos industriais e assentamentos de exilados para onde eles eram enviados refletiam o vigor do poder do Estado que emanava de São Petersburgo para o leste. Em 1879, quando um incêndio devastador consumiu três quartos do centro de Irkutsk — na época uma próspera cidade de 30 mil habitantes —, um dos poucos edifícios de pedra que sobreviveram às chamas foi a prisão central. Seu significado como importante ponto de trânsito de exilados foi revelado quando ela de repente se destacou entre as ruínas da cidade.⁵

A Prisão Central de Trabalho Penal de Tobolsk serviu como instituição penal até 1989, quando por fim foi fechada pelas autoridades. Como muitas das prisões da era tsarista, tinha sido remodelada depois de 1917 e acabou fazendo parte daquilo que Aleksandr Soljenítsin chamaria de “arquipélago” de instituições penais que constituíram o gulag stalinista. Tanto na Rússia quanto no exterior, o gulag se sobrepôs às lembranças do uso que os tsares faziam da Sibéria como lugar de castigo. No entanto, muito antes que o Estado soviético erigisse seus campos de prisioneiros, a Sibéria já era uma imensa prisão a céu aberto com uma história que abrangia mais de três séculos.⁶

A Sibéria — o nome russo Сибирь pronuncia-se *sibir* — torna pequena a Rússia europeia. Com 15,5 milhões de quilômetros quadrados, corresponde a uma vez e meia o continente europeu. A região nunca teve existência política independente; seus limites não são claros nem ela tem uma identidade étnica dominante. Sua história moderna é inseparável da história russa. Os montes Urais,

transponíveis com facilidade, funcionaram menos como um delimitador físico do que como fronteira imaginária e política de uma Rússia europeia além da qual se estende uma gigantesca colônia asiática e um reino punitivo em expansão. A Sibéria foi, ao mesmo tempo, o núcleo do obscurantismo russo e um mundo de oportunidades e prosperidade. O presente sombrio e impiedoso do continente devia dar espaço a um futuro brilhante, e seus exilados desempenhariam papel fundamental nessa tão apregoada transição.⁷

Porque o Estado imperial pretendia mais do que enjaular a desordem social e política em sua prisão continental. Eliminando o velho mundo dos indesejáveis, ela também povoaria o novo mundo. O sistema de exílio prometia atrelar um crescente exército de exilados ao projeto maior de colonizar a Sibéria. Em tese, os criminosos russos trabalhariam duríssimo para colher suas riquezas naturais e colonizar seus territórios remotos e, assim, descobririam as virtudes de contar apenas consigo mesmos, da abstinência e do trabalho pesado. Na prática, no entanto, o sistema de exílio enviou ao interior siberiano um exército não de colonizadores empreendedores, e sim de miseráveis e vagabundos irrecuperáveis. Eles sobreviviam não do próprio trabalho, mas mendigando e roubando dos verdadeiros colonizadores, os camponeses siberianos. As tensões implícitas nessa dupla condição de “prisão-colônia” nunca se acalmaram durante os mais de três séculos que separaram o banimento dos rebeldes de Uglitch e a implosão do império tsarista em 1917. Ao contrário do que ambicionavam os governantes da Rússia, a colonização penal nunca se tornou uma força motriz no desenvolvimento da Sibéria. Pelo contrário, à medida que aumentava o número de exilados, aumentavam os obstáculos ao seu progresso.

Ao longo do século XIX, a escala e a intensidade do exílio siberiano cresceram tanto que ele ultrapassou com facilidade os sistemas de exílio dos impérios britânico e francês. Os britânicos enviaram cerca de 160 mil condenados à Austrália nas oito décadas transcorridas entre 1787 e 1868; o Estado francês, enquanto isso, tinha uma população carcerária de cerca de 5500 pessoas em suas colônias de além-mar entre 1860 e 1900. Em comparação, entre 1801 e 1917, mais de 1 milhão de súditos do tsar foram banidos para a Sibéria.⁸

Entre esses exilados havia gerações de revolucionários de grandes e pequenas cidades da Rússia europeia e da Polônia. Alguns deles lutavam por uma Constituição liberal, outros pela independência nacional, outros ainda por uma utopia socialista. A Sibéria tornou-se uma desolada passagem obrigatória na história do

republicanismo europeu e do movimento revolucionário russo. No fim do século XIX, o governo tsarista estava deportando milhares de revolucionários para as prisões, minas e colônias remotas da Sibéria. Com todo o isolamento e a claustrofobia, eles debatiam, planejavam e publicavam tratados para entusiasmar e coordenar os revolucionários que atuavam na clandestinidade nas grandes cidades da Rússia. Seus sonhos de uma revolução iminente, não dissolvidos pelas concessões da prática política, enchem os imensos céus. A Sibéria tinha se tornado um gigantesco laboratório da revolução, e o exílio, um rito de passagem para homens e mulheres que um dia governariam a Rússia. Quando a revolução por fim eclodiu, em 1905, esses radicais exilados transformaram as cidades e vilas siberianas em cadinhos de luta violenta contra a autocracia. Ergueram-se patibulos nos pátios das prisões enquanto, além de seus muros, guardas penitenciários eram assassinados nas ruas. De lugar de quarentena contra o contágio da revolução, a Sibéria tornou-se a fonte mesma da infecção.

As biografias e os escritos de uns poucos luminares dominam a memória histórica do exílio siberiano antes da Revolução Russa. Alguns deles, como Fiódor Dostoiévski e Vladímir Lênin, eram eles próprios exilados; outros, como Anton Tchékhov e Liev Tolstói, desenharam retratos vívidos da vida dos condenados na Sibéria em suas reportagens e em textos ficcionais. Em 1861-2, durante o “degelo” das Grandes Reformas de Alexandre II, Dostoiévski publicou seu romance semi-autobiográfico *Recordações da casa dos mortos*, embora o original russo talvez se traduzisse com mais exatidão como *Memórias da casa da morte*, destacando a convicção de Dostoiévski de que, fossem quais fossem seus crimes, os exilados acabavam sendo vítimas de um sistema prisional brutal e desumano: uma casa de morte.

Daí em diante, o fluxo anual de artigos, memórias e obras de ficção sobre o sistema de exílio transformou-se numa enxurrada que avançou sem amainar durante as últimas décadas da era tsarista. A imprensa russa publicava angustiantes discussões sobre os horrores do sistema de exílio e suas consequências desastrosas para a própria Sibéria. Outros celebrados escritores e artistas seguiram os passos de Dostoiévski. No conto “No exílio” (1892), Tchékhov narra os longos anos de banimento na Sibéria que destituíram um velho ferroviário de qualquer sentimento de compaixão, esperança e desejo. O antigo exilado, exclama seu jovem companheiro, “já não é um ser vivo, é uma pedra, argila”.⁹ Em 1884, Ilia Repin pintou o *Retorno inesperado*, o olhar escaveirado de um jovem esquelético que en-

tra na sala de jantar de sua família, e a reação confusa e chocada de seus parentes dispensa explicação. Todos e cada um dos contemporâneos de Repin entenderam a cena da volta ao lar de um exilado político. A pintura de Repin pertence a uma tendência geral *imaginativa* do banimento, da crueldade e do sofrimento associados à Sibéria de maneira indelével. Em 1892, quando Alexandre III afinal autorizou a volta do sino de Uglitch a sua cidade natal, a imprensa russa saudou o gesto como uma expressão da magnanimidade do monarca. Mas à luz da crescente repulsa popular quanto à desastrosa colonização penal de um continente, o retorno do sino mais pareceu o reconhecimento do fracasso ou mesmo uma derrota.¹⁰

No exterior também o exílio estava manchando o nome da autocracia. Em 1880, a revista satírica britânica *Judy* publicou uma tirinha que resumia de maneira clara a opinião de muitos observadores ocidentais. Mostrava um urso russo vestido de gendarme, carregando uma “tocha de civilização” e conduzindo uma aparentemente interminável fileira de prisioneiros acorrentados para a Sibéria. O drama dos presos políticos russos e poloneses no exílio suscitou a simpatia e a indignação do público na Europa e nos Estados Unidos, que denunciou a tirania da autocracia. O mais eloquente e bem informado porta-voz estrangeiro dos presos políticos do império foi o jornalista e explorador americano George Kennan. Tendo no início simpatizado com a luta do governo russo contra o que ele pensava serem fanáticos perigosos, Kennan foi autorizado pelo Ministério do Interior, no fim da década de 1880, a viajar pela Sibéria e relatar o que tinha encontrado. O que descobriu foram milhares de homens e mulheres que não eram, segundo ele, radicais perturbados e perigosos, mas mártires da causa da liberdade. Em todo o mundo, a Sibéria estava se tornando sinônimo do despotismo dos tsares.¹¹

Embora a sorte de escritores e revolucionários na Sibéria tenha se tornado bastante conhecida tanto na Rússia quanto no estrangeiro, o mesmo não poderia ser dito da imensa maioria dos exilados ali. Para cada radical banido, milhares de criminosos comuns e suas famílias foram expulsos para a Sibéria e para o esquecimento. A maior parte deles era de analfabetos e carentes dos recursos necessários para registrar suas experiências para a posteridade. Sua sorte só sobrevive em relatórios policiais, petições, atas de julgamentos e correspondência oficial que foram compilados e retidos pelo Estado policial cada vez mais desenvolvido e sofisticado. Esses documentos, atados em maços e arquivados em grosseiras pastas de papelão nas empoeiradas e deterioradas coleções dos ministérios tsaristas,

encontram-se hoje em dia em arquivos de Moscou, São Petersburgo e em diversas cidades siberianas.¹²

Foi desse conjunto de provas de arquivo e da massa de memórias e diários publicados que este livro recuperou as experiências de revolucionários e criminosos comuns na Sibéria, desde a coroação de Alexandre I, em 1801, à abdicação de Nicolau II, em 1917. Suas vozes contam a história da luta da Rússia para governar seu império prisional quando o regime tsarista colidia de maneira violenta com as forças políticas do mundo moderno.

I. Origens do exílio

No fim do século XVI, o Principado de Moscou, ou Moscóvia, empenhou-se num projeto de conquista que se tornou conhecido como “coleta das terras”. Essa expansão territorial emergiu no vácuo de poder resultante do declínio da Horda Dourada mongol, uma confederação de tribos nômades e seminômades que desde o século XIII vinha dominando o território que se estende da Sibéria Ocidental a Moscou, mais recentemente fragmentado em canados. Em 1582, um aventureiro cossaco chamado Iermak Timofeievitch atravessou os Urais com um exército de centenas de homens num ataque audacioso ao poder em declínio do líder mongol siberiano Kuchum Khan. Depois de uma batalha vitoriosa na Sibéria Ocidental, Iermak instituiu um ponto de apoio a leste dos Urais e reclamou essas terras em nome de Ivan, o Terrível. Embora sua vitória tenha durado pouco (o líder cossaco morreu afogado apenas três anos depois, ao tentar escapar de uma emboscada tártara), as portas para a Sibéria abertas por ele nunca se fechariam. Os russos continuaram seus ataques através dos Urais, Kuchum Khan morreu em combate na batalha pelo rio Obi, em 1598, e o canado siberiano ruiu.¹

Daí em diante, o avanço russo sobre a Sibéria foi implacável. Um bizarro amontoado de emissários moscovitas, soldados do Exército regular, mercenários estrangeiros, mercadores e cossacos emigrados das regiões do Don e do Dnieper, no sudeste da Rússia, empurravam a fronteira cada vez mais para leste, ao longo